

## **TERRITÓRIO AUDIOVISUAL: IMAGENS E SONS COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DE PESQUISA\***

FERNANDA ELISA COSTA P. RESENDE\*\*  
TEDER MUNIZ MORÁS\*\*\*

Resumo: *este artigo traz a reflexão de questões levantadas no Simpósio 23, coordenado pelos autores durante o VI Reunião de Teoria Arqueológica da America do Sul (TAAS), realizado em 2012. Os trabalhos, cuja temática percorrem a Arqueologia, Antropologia, Etnologia e o campo do audiovisual, conferiram medidas do caráter interdisciplinar e dialógico dessas áreas.*

Palavras-chave: *Patrimônio Cultural. Acervo Audiovisual. Contexto analógico e digital. Imagens e sons.*

**A**s experiências apresentadas neste Simpósio estão inseridas em contextos geográficos distintos. Tratam de diferentes sujeitos, assim como se apropriam do campo audiovisual de múltiplas

\* Recebido em: 04.03.2014. Aprovado em: 27.03.2014.

\*\* Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural. MBA em Gestão Estratégica e Marketing pela Universidade Salgado de Oliveira. Coordenadora do acervo fílmico do IGPA/ PUC Goiás; Coordenadora do Projeto Memória das Imagens - Preservação das Culturas dos Povos Indígenas Brasileiros (BNDES/PUC-Goiás) e Digitalização do Acervo Jesco von Puttkamer do IGPA/PUC Goiás. Doutoranda em Arqueologia pela FACSU/UNICEN - Argentina.

\*\*\* Executivo em Gestão de Acervos Audiovisuais; Mestre e doutorando em Comunicação Social pela Universidade Paulista; Consultor Ad hoc do Projeto Memória das Imagens - Preservação das Culturas dos Povos Indígenas Brasileiros e Digitalização do acervo Jesco Von Puttkamer, do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (BNDES/IGPA-PUC GO).

maneiras, como ferramentas imprescindíveis em trabalhos acadêmicos e científicos. Essas experiências permitiram reconhecer que, a despeito das singularidades de cada exemplo, existem pontos recorrentes que merecem nossa atenção.

Pesquisadores das Ciências Sociais, de forma geral, registram seus trabalhos por meio de fotografias, imagens em movimento e sons. Com isso descrevem rituais, manifestações, detalham objetos, criam e recriam histórias, trazem o passado ao presente, registram lembranças, relatam memórias, reafirmam identidades e produzem extensas coleções audiovisuais. Essas coleções se transformam em vastos acervos, físicos e virtuais, que são legados ao futuro, como base de conhecimento. Os acervos, com o passar do tempo, se tornam importantes patrimônios culturais a serem preservados.

Nos últimos anos, a reflexão sobre o patrimônio, memória e políticas de preservação dos bancos de dados, das diversas tipologias de arquivos e coleções e da memória audiovisual, tem sido abordada como um dos pilares centrais do exercício da cidadania, constituindo enorme interesse teórico e prático. É fato que, mundialmente, a consciência preservacionista abrange os bens culturais amplamente e, muito se tem investido em nível governamental e privado, com intuito de ampliar esse entendimento e as ações inerentes ao tema. Essa consciência da preservação dos bens culturais, assim como a dos bens naturais, garante importantes direitos universais dos seres humanos, o que transcende as particularidades locais e nacionais de qualquer parte do planeta.

Pesquisadores que registram as ações das sociedades, suas manifestações, ritos, aspectos materiais e imateriais, utilizam os meios imagéticos disponíveis e possíveis como importantes ferramentas. Assim, eles têm muito a contribuir com experiências profícuas e métodos técnicos consolidados para auxiliarem novos pesquisadores. Tudo que foi, que é, e será observado e documentado, formará nova fonte de dados, que permitirá novos olhares acerca das culturas registradas. Essa interlocução do passado, presente e futuro, torna as ligações

possíveis, através das imagens, constituindo um conjunto de informações denso, amplo e delicado.

Acervos audiovisuais permitem a renovação e a reelaboração de trabalhos, a cada consulta. Permitem mudanças e complementações nas formas de olhar e de recriação de outras experiências, em diferentes tempos e lugares, acerca de novas problemáticas que se possam construir. Nesse sentido, documentar atividades de campo ou laboratório, arqueológicas e antropológicas, é tão fundamental quanto à própria escavação ou a cobertura de um evento sócio-cultural. A cada novo elemento percebido e a cada pesquisa iniciada, é necessário um registro detalhado. Esse registro constitui, literalmente, a alma dos trabalhos, e a única forma possível de materialização das etapas e situações, que ainda durante o decorrer dos trabalhos, podem deixar de existir.

A documentação audiovisual e sua organização arquivística ocorrem por meio de um arranjo que constitui operações intelectuais que se baseiam em princípios rígidos do campo dos arquivos. Assim, o campo audiovisual não trata de simples atividade fotográfica ou apenas de conservação dos acervos, mas depende de gestão consciente da massa documental produzida, que requer um ordenamento próprio para sua identificação e para o acesso amplo posteriormente, Lassar (2008).

Sobre o legado audiovisual incidem ainda as complexidades do mundo tecnológico que, se por um lado, permitem infinitas possibilidades em qualidade técnica, por outro são extremamente sensíveis, pois nos torna reféns da dinâmica mercadológica que domina esse campo. A mega estrutura por trás dessa área altera os meios cotidianamente, produz novos suportes e novos equipamentos para as informações, o tempo todo (MORÁS, 2012).

O mundo digital dominou o campo audiovisual e obriga os pesquisadores de todas as áreas, a lidarem com a tecnologia, como se esse fosse um de seus campos de atuação por excelência. Diante disso, tratar sistematicamente questões

relativas ao território do audiovisual se tornou não apenas uma tarefa, mas uma obrigação de pesquisadores em todo o mundo.

Quando fizemos ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás a proposta da inclusão desse tema na programação do citado evento, visávamos à percepção da demanda de trabalhos que utilizam recursos audiovisuais, nos campos abordados das Ciências Sociais. Nos interessava saber a integração dos profissionais com o vasto campo do registro, documentação, conservação, tratamento digital e acesso aos conteúdos audiovisuais.

De forma geral, poucos trabalhos foram recebidos. Isso se explica pela identidade e caráter teórico do encontro. Por se tratar da inserção de uma nova temática em um evento cuja consolidação se deu nas disciplinas mais tradicionais, sobretudo da arqueologia acadêmica, era de se esperar que o retorno fosse modesto. Mesmo que essas áreas do conhecimento contemplem o audiovisual como método complementar de excelência e até mesmo como uma das melhores formas de conservação da informação, ainda não se percebeu o estabelecimento de uma prática de documentação audiovisual como sistemática ou rotina de trabalho, sobretudo na arqueologia.

Da mesma forma, ainda não se tem clareza do uso dos acervos audiovisuais como fontes primárias de informação, visto que esse conteúdo tem servido como depositário de antigas pesquisas, como documentação conexa, ou como fonte secundária de informações.

Diante disso faremos aqui algumas considerações, discutidas à luz dos trabalhos apresentados. Primeiro, quanto ao patrimônio audiovisual, considerando o conhecimento, de natureza intangível, que constitui a informação, de caráter imaterial, presa em suportes físicos, materiais, cuja fragilidade existencial é crítica e incapaz de assegurar adequadamente que os dados, o conhecimento registrado, não se percam; em segundo lugar, uma reflexão sobre a produção de conteúdo

audiovisual aplicado especificamente a trabalhos de campo da arqueologia, antropologia e etnologia, como resultado das atividades, considerando que o audiovisual ainda não passou de uma metodologia, que se utiliza da tecnologia apenas como ferramenta para o acúmulo de informações complementares, de natureza frágil.

## PATRIMÔNIO AUDIOVISUAL

Somos contemporâneos de uma nova revolução, a denominada era digital. Ao longo da história, descobertas e inovações mudaram o mundo. O século XX foi repleto de grandes feitos e o ápice disso se deve à popularização da internet em meados dos anos 90. “Em cada época, as linguagens são determinadas, em grande parte, pelos recursos técnicos disponíveis, sistemas mecânicos, eletrônicos ou digitais, que permitem a produção e distribuição de produtos culturais” (SANTOS, 2009, p. 14).

Os benefícios da era digital em relação ao acesso à informação são claros, visíveis. O surgimento da internet fez encurtar distâncias, aperfeiçoou processos e trouxe ao homem inúmeras facilidades de comunicação.

A ruptura tecnológica determinou mudanças fundamentais no comportamento da sociedade (JAMESON, 1996). Diante de interesses econômicos característicos da pós-modernidade, impulsionados pelas inovações tecnológicas, as empresas apresentaram mudanças estruturais importantes. O embate entre o mundo analógico e o digital resulta em alterações no fazer midiático, no comportamento humano e sua adaptação aos novos equipamentos e conteúdos resultantes do novo fazer, que são as imagens técnicas.

Existe, sem dúvida, impacto social com essa mudança de paradigma, no entanto, não é este o objeto de análise. Resta perceber se a visão mercantilista que abarca as várias camadas da sociedade resultará na desreferencialização do homem pós-moderno.

*(...) o sujeito perdeu sua capacidade de estender de forma ativa suas pretensões e retenções em um complexo temporal, e organizar seu passado e seu futuro como uma experiência coerente; fica bastante difícil perceber como a produção cultural de tal sujeito poderia resultar em outra coisa que não ‘um amontoado de fragmentos’ e em uma prática da heterogeneidade a esmo do fragmentário e do aleatório (JAMESON, 1996, p. 52).*

As tecnologias, incluindo naturalmente as digitais, não são unidirecionais, nem têm uma dinâmica própria e predetermined de desenvolvimento: “a criação e o uso de tecnologias são processos sociais. É preciso cuidado com o pensamento enviesado pelo determinismo tecnológico, que nos leva a raciocinar em termos de uma suposta ‘neutralidade da técnica’ e a concentrar esforços em estudar seus ‘impactos na sociedade’” (PALACIOS, 2005, p. 65).

Em *O que é virtual?* Lèvy (1996), diz que a virtualização afeta não somente a informação e comunicação, mas os corpos, os quadros coletivos da sensibilidade e o exercício da inteligência. Compactuamos com suas ideias, e hoje, 17 anos após, esses escritos estão ainda mais presentes. É um universo de descobertas e nessa total mudança de comportamento, somos obrigados a um profundo exercício de reflexão.

Convivemos com a obsolescência dos suportes físicos e de reprodução. Como garantir o acesso continuado e a preservação da informação, considerando as modificações quanto ao gerenciamento desse conteúdo, os custos de implementação dessa tecnologia nova, preservando a memória e um recurso estratégico para a organização e a sociedade? (MORÁS e RESENDE, 2013).

Diante disso, a informação e a abordagem de todo o conhecimento acondicionado em suportes do tipo livro, filme, documentos em papel e milhares de outros possíveis objetos, carecem de atenção e ação assertiva para sua preservação e resgate. Esse conteúdo, que carrega em si a noção de atmosfere-

ra informacional envolve os silêncios, as impressões, marcas temporais, manifestações e todos os patrimônios intangíveis expressos na forma de palavras ou imagens. Do ponto de vista físico comporta ainda outras informações, acerca do objeto, do papel, dos suportes e de sua produção e autoria, que vem a ser a engenharia elementar (SALDANHA, 2008) usada na construção, exposição, publicação ou divulgação de cada obra.

Esse conjunto informacional, acrescido de áudio e imagens, é materializado, e constitui nosso patrimônio audiovisual. Segundo o autor supracitado, para obtenção do controle sobre a dispersão do conhecimento humano, que para Gómez (2002) tem a ciência como sua expressão maximizada, surgiu a Ciência da Informação, que em pouco tempo, ampliou ilimitadamente suas formas de produção e apresentação com novas tecnologias e metodologias, a ponto de não mais se falar em desaparecimento sumário de uma informação.

Conforme Baudrillard (1990) o estado de mutação pelo qual a humanidade atravessa, comporta não mais a morte ou o desaparecimento de fragmentos do conhecimento, mas a pulverização, a saturação, a contaminação e “dispersar são a atividade social dos contextos em permanente nomadismo na arena da pós-modernidade”.

Nessa mesma vertente a arte também passou a ser fruto cotidiano da produção humana, que por sua vez recebe influência do universo contextual, perpassa a atmosfera da criação, se carrega e se contamina de informações, passando a veículo de comunicação. Citando Clüver<sup>1</sup> (2000), Saldanha afirma que a fusão de todas as formas de arte na busca de uma arte total, almejada desde o século XIX, veio a ser possível através da tecnologia, que trouxe para esse campo a inovação das mídias e a aceleração dos processos de informação e comunicação. Ele diz:

---

<sup>1</sup> Claus Clüver – pesquisador alemão, professor de literatura comparada da Universidade de Indiana, nos EUA, e tem a poesia concreta como um de seus principais horizontes de investigação, no campo da informação.

*CLÜVER chamará de texto qualquer obra de arte, composta por um sistema signico, que a comunidade interpretativa autoriza ler como uma obra... O objeto de estudo é frequentemente um conjunto de relações percebidas entre pelo menos dois textos... Assim, surgiu o texto intermedial, ou intersemiótico, que é aquele que recorre a dois ou mais sistemas de signos, ou media, de uma forma tal que os aspectos visuais ou sonoros, verbais, cinéticos e performativos dos seus signos tornam-se inseparáveis... (apud SALDANHA, 2008).*

Avançando nesse ambiente das pluralidades incontrolláveis, a ciência carrega o desafio de controlar o que a antropologia da informação chama de texto isolado de um dado contexto cultural. São infinitos contextos, cada qual com a sua especificidade, que ao migrarem de um lado para outro, produzem novos e novos pacotes de releituras e novos conjuntos de informações a serem novamente dispersos. Assim, é preciso estar atento para com esses textos isolados, pois, dispersos em um volume muito grande de informação não controlada, é possível que parte do saber acumulado venha a correr o risco iminente da perda. Essa é a realidade cruel do mundo atual: será possível não haver perda de informação?

Até cerca de meio século, o mundo digital tratado nessa reflexão, não era bem conhecido. O homem conviveu com os objetos de sua produção sempre ao alcance de suas mãos, por milênios. As notícias percorreram a terra na forma de cartas, livros e documentos, atravessaram os oceanos por meses, e os caminhos da terra, até chegarem, em fragmentos, informando antigos acontecimentos ou revelando a arte alheia e distante. As fotografias, impressas em papel, eram registros raros, de ancestralidade para a posteridade. Foram também demarcadores de poder de parcelas da população que podiam ter esse privilégio. Portanto, desde a pré-história até os dias atuais, os arquivos de informações foram constituídos por coisas do mundo físico.



A evolução tecnológica ocorreu no meio audiovisual e de entretenimento em relação a formatos, equipamentos e conteúdos. Isso exigiu dos profissionais de acervos audiovisuais e, do meio acadêmico, a busca por novas formas de compreender essa dinâmica e posteriormente adaptá-la e inseri-la no processo de gestão, tanto no que se refere aos novos dispositivos, quanto na prestação do serviço de informação.

Diante disso, um dos objetivos deste artigo é refletir sobre os impactos positivos e negativos do novo modelo paradigmático, ofertado pela tecnologia, que se chama digitalização, e que, por consequência, trata da imaterialidade, que por fim incide na gestão e guarda da informação contida nas imagens técnicas.

Preservação, resgate e acesso, são desafios comuns a todos os acervos audiovisuais em meio à revolução tecnológica mundial. Constitui mudanças de paradigmas, sob o olhar da Ciência da Informação. Em plena era digital, como gerenciar os conteúdos com uma mudança tão radical quanto aos suportes? Assim, a digitalização de acervos audiovisuais e a crescente produção de informação implicam na necessidade de armazenamento eficiente, obedecendo a rígidos critérios e estruturas informacionais. O advento da transformação de dados palpáveis, antes em suportes físicos, para suportes onde a informação fica cada vez mais intangível, sendo alcançada apenas por meio da tecnologia, constitui o que se chama de digitalização.

A publicação da revista *Charter on the Preservation of the Digital Heritage* pela UNESCO em 2003, alerta para os pretensos novos posicionamentos, perigosamente alicerçados no anterior modelo empírico direcionado à realidade analógica. O aparente alheamento dos profissionais e o fato de que estávamos conscientes da estreita relação existente entre a emergência da era digital e os desafios por ela suscitados, a afirmação da Ciência da Informação, e o novo paradigma pós-custodial científico-informacional, nos fez perceber os movimentos que se desenvolviam no âmbito da emergente área de preocupações: a preservação no formato digital.

Caracteriza-se então, o desafio. A preservação tem necessariamente que fazer frente aos obstáculos que podem ameaçar qualquer uma das dimensões (THIBODEAU, 2002). O campo de estudos da Ciência da Informação compreende as áreas indissociáveis da gestão da informação, da organização e representação da informação, e do comportamento informacional, as quais se prolongam nos ramos disciplinares e de aplicação teórico-prática, como o arquivístico e o biblioteconômico.

Vivemos assim, um momento de crise, onde se busca por um modelo paradigmático, o que também assegura Kuhn (2003), ao identificar a existência de uma situação pré-paradigmática na qual não se produzem progressos científicos, como seria o caso das Ciências Sociais, incluindo também a Ciência da Informação:

*o significado das crises consiste exatamente no fato de que indicam que é chegada a ocasião para renovar os instrumentos'. É exatamente porque a emergência de uma nova teoria rompe com a tradição da prática científica e introduz uma nova prática, dirigida por regras diferentes, situada no interior de um universo de discurso também diferente, que tal emergência só tem probabilidades de ocorrer quando se percebe que a tradição anterior equivocou-se gravemente (KUHN, 2000, p. 117).*

Urge compreender esse nível de mudança e nos assegurarmos que se trata de um fenômeno verdadeiro e não somente um modismo. A partir desta constatação, se faz crítica à busca por modelos referenciais. Como acontece a cada ocorrência de mudança, é prematuro e impossível apresentar soluções ou procedimentos afirmativos e conclusivos. Trata-se de um momento de busca, discussão e compreensão desse fenômeno, seja por parte da comunidade acadêmica, como também daqueles que lidam diariamente com a gestão da informação no campo privado ou estatal.

Hall, (2000, p. 14) diz, “as sociedades modernas são sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta

é a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas”. E ainda se pode ampliar esse pensamento dizendo que a modernidade, em contraste, não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida.

Como assegura Harvey (2002), em condição pós-moderna, essa mudança está vinculada à emergência de novas maneiras dominantes, pelas quais experimentamos o tempo e o espaço. Moldamos nossa imagem e nosso comportamento ao cenário em que vivemos e este, por sua vez, nos molda por meio da resistência que oferecem quando tentamos impor-lhes nossa forma pessoal. “É a relação peculiar entre homem e material que existe na contínua interação criativa da vida urbana” (RABAN, 1974, p. 9-10).

Somos seres essencialmente materiais, sinestésicos. Comprovamos nossas maiores experiências e aprendizados sob o arquétipo material ou na vivência dessa realidade. Moldar nossa percepção para que algo até então tangível seja agora também imaterial, nos estressa sobremaneira, criando relativos obstáculos naturais de aprendizagem. Diante de tal constatação, alertamos para a relevância de nosso papel na formação e educação, não somente dos novos profissionais, mas de seres capazes de conviver com esse novo cenário de interação.

Consideramos assim que o que discutimos no Simpósio 23 do TAAS é crítico. Necessita um estudo aprofundado e direcionado. Exige cooperação e a congregação de esforços de profissionais em gestão de acervos, meio acadêmico, pessoal de tecnologia e engenharia.

Por fim, em um campo onde impera a dispersão, buscaremos salientar a necessidade da convergência dessas áreas na multidisciplinaridade de profissionais, enfatizando a importância da existência de uma efetiva base teórica epistemológica e integradora de todos, à luz do emergente paradigma científico informacional. Alertamos ainda, para a necessidade da continuidade dessa prática da busca e aplicabilidade dos

conteúdos audiovisuais nas atividades cotidianas das Ciências Sociais.

A partir de 1948, o desenvolvimento da Ciência da Informação foi seguido pelo desenvolvimento excepcional de uma tecnologia e técnicas particularmente notáveis, apoiadas, no essencial e nos fluxos de elétrons e fótons. Antes, imprimavam a tinta e o chumbo. Hoje os dispositivos de armazenamento e processamento, que são os computadores e todas as técnicas eletrônicas de informação, possuem em comum o fato emitir, receber, vincular e armazenar ou processar sinais elétricos.

Le Coadic (1996, p. 1) diz que “a informação, seja ela escrita, oral ou audiovisual, vende-se bem e cada vez mais em grande quantidade”. A produção da informação necessita de estruturas significantes armazenadas em bases de dados, bibliotecas, arquivos ou museus que possuem a competência para produzir conhecimento. A crescente produção de informação necessita ser armazenada de forma eficiente, obedecendo a critérios e estruturas informacionais.

No *HARROD’S Librarian’s Glossary and Reference Book* (1997) o termo preservação surge diretamente associado aos arquivos e com duas definições:

- 1) a preservação constitui a função primordial dos arquivos e, na acepção
- 2) engloba as medidas, quer individuais, quer coletivas, desenvolvidas para tratar, restaurar, proteger e manter os arquivos.

No novo dicionário do livro (FARIA; PERICÃO, 1999), a preservação é definida como “função de providenciar cuidados adequados à proteção e manutenção do acervo bibliográfico e documental de qualquer espécie, com vista a manter a sua forma original” e também “medidas coletivas e individuais tomadas no sentido a respeitar a reparação, restauro, proteção e manutenção do patrimônio bibliográfico”. Democratizar a informação não pode, assim, envolver apenas soluções para facilitar o acesso e disseminar a informação. É

imperativo ao indivíduo desenvolver condições e ferramentas para elaborar este insumo recebido, o transformando em conhecimento.

Segundo Le Coadic (1996, p. 12), contamos com quatro disciplinas que atuaram até hoje, no campo da informação: a Biblioteconomia, a Museologia, a Documentação e o Jornalismo. Todas atribuíam um interesse particularmente grande aos suportes e não à própria informação. Um relevante recurso em desenvolvimento no século XVIII foi a criação de organizações de fomento à pesquisa. Esta palavra em diversas línguas (*research, recherche, ricerca* etc.), derivam da origem comum “busca” (*searchetc*) e pode ser encontrada em títulos de livros já no século XVI, inclusive nas *Recherches de la France* (1560), de Étienne Pasquier.

McGarry (1999, p. 11), afirma que “a informação deve ser ordenada, estruturada ou contida de alguma forma”, senão permanecerá amorfa e inutilizável, daí sua importância na gestão da informação para garantir seu tratamento bibliográfico, guarda e recuperação. Qualquer que seja a sua forma externa, a essência de um arquivo é uma coleção de materiais organizados para uso.

As formas externas desses materiais têm mudado a cada inovação da tecnologia da comunicação, das tábulas de argila ao computador. A organização para uso define sua função como recipiente ou depósito para a memória externa da humanidade, mas armazenamento implica recuperação e a mesma implica acesso, ou a oportunidade de tirar proveito disso na condição de usuário.

A competência técnica baseia-se em conhecimento e experiência: cada membro tem o dever, em seu campo de opção, de manter e desenvolver sua competência técnica durante toda sua vida profissional e de se manter a par dos progressos pertinentes tanto na tecnologia, quanto na utilização da informática.

Portanto, não basta ser um cientista arqueólogo, antropólogo, sociólogo, historiador, etnólogo ou outro. Cada pro-

fissional tem sua parcela de responsabilidade na documentação correta de suas atividades, assim como na guarda, manutenção e preservação de seu conteúdo gerado, ou seja, do conhecimento em forma de dados e informação.

Compartilhamos da visão de Capurro (2003), quando ele afirma que devemos considerar uma “futura ciência da informação unificada”, ponderando o histórico da gestão da informação pautado no elemento material, suporte midiático, como também dentro de um espectro mais subjetivo, considerando toda imaterialidade do cenário digital, ou “simulação de processos cognitivos em artefatos”.

Diante de todo este levantamento, é necessário lembrar que para o profissional de campo das Ciências Sociais, o cotidiano de prospecções de informação é dinâmico e ao longo de uma pesquisa centenas e até milhares de imagens fixas ou em movimentos e infinitas horas de sons são produzidos como apoio às informações. Tudo isso faz parte de extensos relatórios e muitas vezes esse material se perde por falta de sistemática na captação e tratamento dessas informações, conexas aos levantamentos primários.

Infelizmente, ao longo do tempo, fotografias e filmes, registros visuais e sonoros, são tratados como ferramentas complementares. Mas se sabe que esse material constitui um dos principais referenciais no tratamento das informações, sobretudo na fase de laboratório, ou na fase pós-campo, pois através dele é que se recuperam os elementos e momentos aos quais não se tem mais acesso.

## PRODUÇÃO E PRESERVAÇÃO DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL – CASOS APRESENTADOS

Os trabalhos apresentados no Simpósio 23 tratam exatamente dessas questões, especificamente no campo da arqueologia e levantamentos históricos e socioculturais.

O trabalho intitulado *A imagem e o som como escrita da pesquisa etnográfica*, encaminhado pelo professor doutor

em cinema, Luiz Eduardo Jorge, foi abordado junto à apresentação e discussão do filme *Passageiros de Segunda Classe* (1990). Trata da experiência objetiva da pesquisa em campo, tanto com minorias urbanas brasileiras, como com diferentes etnias indígenas, abordando o método etnográfico e sua interação com as fronteiras da subjetividade constitutiva da observação científica por meio da imagem. De acordo com Jorge (2013) neste trabalho a fotografia, o cinema e as tecnologias digitais são usados como recursos de escrituração do processo de fixação e memorização imediata da experiência da observação.

Partindo desta perspectiva é perfeitamente possível uma etnografia imagética na pesquisa de campo. No entanto, esse método exige fidelidade e rigor do observador, que, além de ser um pesquisador em sua área de excelência, precisa também ser portador de uma visão intelectual com critérios metodológicos específicos, mesmo que de fato não seja um fotógrafo, mas que possa dirigir um olhar dessa natureza, através de uma sistematização de procedimentos, que permitam a captação de elementos culturais e sua correta interpretação. Segundo Jorge, a principal razão que move as Ciências Sociais no interesse pela obtenção de material etnográfico fotográfico ou filmico é sua propriedade de memorização, representação e interpretação tardia dos dados da realidade presa nos suportes, quer sejam físicos ou digitais.

A mesma abordagem do uso do cinema como método de registro e estudo de ritos sociais, foi apresentada pelo historiador Frederico Mael, no vídeo documental *Airábeji de Xangô 2009*.

Um pouco mais além, nesse mesmo campo, o arqueólogo Uelde Ferreira encaminhou o trabalho intitulado: *A importância da fotografia na pesquisa arqueológica e uma proposta de roteirização na captação de imagens*, desdobramento de sua monografia de conclusão do Curso de Arqueologia, realizado no IGPA/PUC Goiás. Ele demonstra que essa ferramenta, a imagem, há tanto tempo conhecida e utilizada como método de apoio por inúmeros pesquisadores, desde os antigos via-

jantes do sec. XIX se torna elemento crucial nas pesquisas de campo. Também é um mecanismo questionador de possíveis conclusões preestabelecidas, capaz de difundir novas formas de percepção e poderoso método de aproximação na prática cotidiana com populações.

Esse mesmo trabalho traz a importância dos acervos imagéticos acumulados em instituições na forma de coleções e cita que o valor desses conjuntos patrimoniais é tão profundo que permite até mesmo que situações das quais não se têm mais o menor vestígio, sejam acessadas e conhecidas. Um exemplo citado foi o trabalho realizado em Honduras, onde fotografias capturadas em 1891, durante a exploração de sítios Maias, foram as únicas fontes confiáveis disponíveis aos arqueólogos do *Carnegie Institute*, para a reconstrução da escadaria hieroglífica daquela civilização do período clássico.

Nessa mesma direção o IGPA/PUC Goiás, apresentou uma experiência da autora do presente trabalho, juntamente com os pesquisadores Levy Silvério e Fernanda Pimenta, em: *A memória audiovisual do projeto de levantamento, salvamento e monitoramento arqueológico da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL)*. Esse é o resultado preliminar de um extenso trabalho, ainda em andamento, que gere as informações arqueológicas, históricas e sócio-culturais, amplamente coletadas no âmbito das atividades propostas pelo consórcio responsável por esse projeto, que faz parte das obras do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal brasileiro.

O subprojeto de documentação audiovisual apresentado à FIOL em 2009 foi aplicado às atividades executadas em campo e em laboratório, o que permitiu uma memória audiovisual completa das ações dos pesquisadores em campo, envolvidos na tarefa de localizar e estudar vestígios de ocupações pretéritas no eixo do empreendimento, que já cobriu trecho maior que 600 km no Estado da Bahia. Percebendo a importância desse grande empreendimento para o desenvolvimento do país, o trabalho audiovisual vem complementar e enrique-



cer toda a produção escrita nos campos citados, promovendo a noção de transferência do leitor para o local das pesquisas.

Todas as etapas e níveis das escavações foram, ao longo das pesquisas, acompanhadas no sentido da criação de um banco de dados, que futuramente possa permitir a outros pesquisadores a revisitação aos trabalhos.

Como trabalhos dessa natureza são emergenciais, e tem por fator limitante o tempo, condição própria da arqueologia de contrato, a documentação audiovisual, extensa e sistemática, visa contribuir gerando maior número de dados, no sentido de preencher melhor as lacunas que possam ter ficado do registro estrito de informações.

Essa é a melhor tentativa de se conviver com o paradigma da arqueologia, que tem como elemento chave o salvamento de uma condição preservada por milênios sobre a terra, mas que desaparece imediatamente após a intervenção. Assim, a melhor forma de retorno àquela condição original, e que permite a continuidade de sua compreensão, é o conjunto de imagens e informações retiradas dos sítios.

O resultado, embora preliminar e parcial, mostrou a dimensão de um trabalho sistemático, responsável e acima de tudo, preocupado com o objetivo fim, uma biblioteca com quantidade e qualidade de imagens suficientes para garantir que perdas de informações, próprias desse tipo de atividade, sejam compensadas para além das expectativas usuais.

Essa coleta sistemática e responsável das imagens em campo, o acompanhamento das atividades de laboratório, as atividades de acervamento e tombamento dos dados, abordam e propõem uma alternativa interessante para a documentação na arqueologia brasileira.

Outro trabalho apresentado, intitulado *Coleção Jesco von Puttkamer, a trajetória de um trabalho de três décadas na Amazônia*, foi apontado pela autora desse artigo, juntamente com os professores Paulo César Aguiar e Maria Eugênia Nunes, do IGPA/PUC Goiás, e revela a importância dos acervos imagéticos preservados nas instituições. Mostrando o conteú-

do da obra do documentarista Jesco von Puttkamer e a importância de seu trabalho para a memória de várias populações indígenas brasileiras, revela as complexidades da preservação de um acervo de tamanha importância e a necessidade de cuidados específicos para sua manutenção. Assim como demonstra a necessidade de sua digitalização para que as futuras gerações tenham acesso a esse conhecimento.

O trabalho *Alzheimer Digital*, do autor do presente artigo, caminha nas questões do dilema aqui tratado, revela o abismo existente entre os mundos analógico e digital. Esse abismo confere à informação, ao legado de conhecimento que acumulamos cotidianamente, um futuro sombrio, pois se as questões referentes a esse contexto não são solucionadas, tendem a legar ao homem um futuro de perda da memória coletiva. Assim, cada acervo e coleção perdido por inobservância da necessidade de transposição tecnológica, imposta pelo mercado, nos impõe uma lacuna a mais na história do homem e da vida.

Um espaço aberto na história e memória traduz-se em perda de conhecimento das ações da humanidade por um dado período. Mesmo que seja uma história de vida pontual, cada acervo carrega em si um mundo de conhecimento acumulado. Vale ressaltar as diferenças entre história, memória e registro. Apesar da lógica associativa entre os temas, através do registro da materialidade, imprimimos nossas experiências, lembranças e memória, o que possibilita recuperar e contar a história. Estes são distintos e imensamente complexos.

Buscamos em pensadores como Le Goff, Bergson e Zielinski, o embasamento para melhor compreensão sobre história, memória e registro, respectivamente. Compartilho do pensamento de Le Goff (2003) quando ele afirma que uma história é uma narração, verdadeira ou falsa que aconteceu por meio de transmissão, num primeiro momento através da oralidade e posteriormente através da escrita.

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma grande preocupação

das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Para Le Goff (2003, p. 368) “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. Portanto, preservar esse registro é nossa preocupação e combustível desse exercício de reflexão.

Ainda de acordo com Le Goff (2003), a laicização da memória, associada à invenção da escrita possibilitou a Grécia o desenvolvimento da mnemotecnica<sup>2</sup>, conjunto de técnicas que possibilitaram a reprodução de discursos através de lugares e imagens na memória.

A coisa mais notável é sem dúvida “a divinização da memória e a elaboração de uma vasta mitologia de reminiscência na Grécia arcaica” [...] Nas diversas épocas e nas diversas culturas há solidariedade entre as técnicas de rememoração praticadas, organização interna da função, lugar no sistema e a imagem que fazem a partir da memória. (LE GOFF, 2003, p. 378).

Outro estudioso, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX, Henri Bergson, complementa essa colocação de Le Goff. Seus estudos da memória distinguem-na em dois tipos: a memória hábito e a memória pura, indo além da visão dualista entre espírito e matéria, estabelecendo uma relação direta a partir da memória: “[...] a memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é, portanto uma memória quase instantânea para a qual a verdadeira memória do passado serve de base” (BERGSON, 2006, p. 92). Portanto, para que uma lembrança apareça na consciência é efetivamente preciso que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso em que se realiza a ação.

Ressaltamos não ser essa reflexão um contraponto à adoção de novas tecnologias, tampouco empecilho para o

<sup>2</sup> O mnemônico - técnica ou procedimento é a associação mental de pensamentos, esquemas, exercícios sistemáticos, repetições etc. para facilitar a lembrança de alguma coisa.

ingresso a um cenário virtual, no entanto como alerta Zielinski (2006), o conceito da evolução propiciada pelas novas tecnologias da mídia deve ser cuidadosa analisada: a passagem dos séculos apenas aprimora e aperfeiçoa as grandes ideias arcaicas. Este ponto de vista constitui pedagogia primitiva, que é maçante, e suga a energia do trabalho relativo às mudanças tão desesperadamente necessárias. Então, se deliberadamente alterarmos a ênfase, virarmos de ponta-cabeça e experimentarmos, o resultado vale a pena: então não procuremos o velho no novo, mas encontraremos algo de novo no velho.

Nosso objetivo com esse estudo é avaliar as práticas atuais no tocante ao registro daquilo que no passado era materializado no suporte físico, e em consequência se tornou documentação histórica. Hoje, o que caracterizamos como documentos históricos são geralmente, registros do cotidiano da sociedade da época, que fora materializada em fotos, cartas e em películas filmicas sem nenhuma intenção de preservação. Pela natureza do suporte físico material esse registro se perpetuou pelas décadas. Em face das novas tecnologias essa prática permanece, e em uma escala jamais vista. Daí, a necessidade de encontrarmos uma equação entre produção, presença, memória, história e identidade.

Enquanto conhecimento do passado, a história não teria sido possível se este não tivesse deixado traços, monumentos e suportes da memória coletiva. Dantes, o historiador operava uma escolha entre os vestígios, privilegiando em detrimento de outros, certos monumentos, em particular os escritos, nos quais os submetendo à crítica histórica, se baseava. Hoje, o método seguido por esses historiadores sofreu uma mudança. Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; para, além disso, inseri-los em outros, formados por outros monumentos: os vestígios da cultural material, os objetos de coleção, os tipos de habitação, a paisagem, os fósseis e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens.

Enfim, tendo em conta o fato de que todo o documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso, se trata de pôr à luz as condições de produção e de mostrar em que medida o documento é instrumento de um poder (LE GOFF, 2003).

A história nos legou elementos físicos de sua memória através da arte, ciência, literatura, materializados na arquitetura, esculturas, artes plásticas, textos, música, cinema, fotografia e outros. Este rico e tangível acervo nos dá referência do que fomos e fizemos e ainda parâmetros para onde queremos chegar. Desde os primórdios, através da oralidade, havia a preocupação em preservar esses ensinamentos. Posteriormente a consciência preservacionista fora reconhecida como ação fundamental na definição da identidade. Até então, tudo bem, desde que superados os obstáculos orçamentários e de capacitação técnica para o restauro, preservação e guarda desse legado.

Outro trabalho, intitulado *Olhando para as telinhas e superando a birra de Indiana Jones*, apresentado por Bruno Sanchez Ranzani, da UFPel, foi de grande contribuição; não trata diretamente do tema central, mas da produção audiovisual com ênfase no campo da educação e didática aplicada à arqueologia.

Por motivos particulares outros autores não compareceram ao evento e assim não puderam defender seus trabalhos enviados. Essa referência faz-se necessária apenas pelo registro de que houve outras inscrições no tema, que certamente acrescentariam muito à discussão. Certo é que permanece a expectativa da necessidade de desenvolvimento desse tema, nos campos citados e no evento. É indispensável repetirmos o simpósio nas próximas edições do TAAS, para que possamos consolidar e ampliar as discussões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No meio audiovisual, em face das novas tecnologias esses registros, em sua grande maioria, estão sob a égide da imaterialidade. Um cenário que gerações como a nossa ainda não domina completamente, no entanto, está sob nossa responsa-

bilidade a busca de um novo modelo paradigmático que mantenha esses registros intactos e acessíveis às próximas gerações.

A preservação, assim como a atividade específica de digitalização, está presente em nosso dia a dia, seja na virtualização de ações e processos, até a um simples clicar fotográfico ou mesmo uma mensagem eletrônica *e-mail*. As facilidades técnicas deram ao homem a capacidade de produzir registros em escala épica. Paramos o tempo em fotos digitais, *posts* em redes sociais como *Facebook* ou *Twitter*, ou torpedos pelos telefones móveis.

Essas memórias geram um arquivo universal, imaterial e ao alcance de qualquer pessoa. Se por um lado isso nos aproxima considerando a velocidade que a informação é difundida e está disponível nessa grande rodovia chamada *internet*, a gestão desse complexo arcabouço de histórias, e consequentemente a preservação dessa memória, grita aos ouvidos dos mais atentos.

Há uma convergência natural para que cada vez mais as publicações, originalmente materializadas em suportes tangíveis tais como livros, fitas e outros estejam em ambientes virtuais, como também servidores, discos rígidos e etc. Cada vez mais raras são cartas escritas à mão, tampouco fotos reveladas, tudo está cada vez mais à mão do homem na chamada nuvem digital. Alguns, mais cuidadosos, replicam essa informação para servidores ou dispositivos de armazenamento, o que não torna essa memória material. Mesmo que tenhamos inúmeros *backups* de cada informação, a imaterialidade é um fato, e ao mesmo tempo um risco.

O conteúdo audiovisual dos acervos, principalmente películas magnéticas, vídeo e filmicas, obrigatoriamente serão digitalizados, cedo ou tarde, isso em face da obsolescência tecnológica, seja do suporte ou do equipamento de reprodução. Cabe-nos, decidir a melhor forma de preservar essas informações.

Não é nossa pretensão criar um cenário escuro e de incertezas, tampouco questionar se a tecnologia digital é me-

nos ou mais benéfica. Como pudemos constatar e de acordo com Jameson (1996), a cada mudança de paradigma se faz também necessária à adaptação comportamental. Somos agentes ativos na construção e manutenção de nossa história. Tínhamos relativo conforto na gestão da informação tangível, isto é, ao alcance de nossas mãos. Seja nas ações de preservação e gestão, o palco que se descortina nos apresenta uma nova realidade, novos procedimentos, outros aprendizados e nova cultura de preservação.

Contudo, acreditamos que a academia pode e deve contribuir para melhor compreensão desse fenômeno, como também, auxiliar toda cadeia produtiva, seja na análise dos efeitos, sua problematização, e principalmente na formação de pessoal qualificado e apto a lidar com esse cenário, até aqui, de incertezas.

Para os fazeres da arqueologia, antropologia e etnologia no cotidiano de atividades dinâmicas junto às populações e, sobretudo para os grandes projetos de contrato, cujo tempo de execução deixa a desejar no quesito detalhamento das atividades, percebemos que essa integração das áreas e a sistematização de ações para uma correta documentação, tratamento das informações digitais e preservação dos dados audiovisuais, garantindo a permanência dos mesmos para várias gerações à frente, é urgente e necessária.

Assim, como nos mostra Kuhn (2000, p. 93), tal avanço, até aqui percebido, “somente foi possível porque algumas crenças ou procedimentos anteriormente aceitos foram descartados e, simultaneamente, substituídos por outros”. Talvez, a necessidade de esvaziarmos nossos copos, principalmente para a geração analógica, seja crítica, para que possamos absorver novos conceitos, principalmente para aqueles que atuam no restauro preservação e gestão da informação.

Os avanços tecnológicos seguirão seu curso. Trata-se do *tsunami* cibernético movido por interesses econômicos, busca por novas linguagens, facilidades e, mesmo de forma maquiada, a sonhada interação realmente participativa. Ima-

gens ainda mais definidas, convergência para artefatos portáteis e conectados com as necessidades do dia a dia, ditarão o comportamento das próximas gerações.

## TERRITORY AUDIO VISUAL - IMAGES AND SOUNDS, AS METHODOLOGICAL RESEARCH STRATEGY

*Abstract: this article, entitled Territory audio visual - images and sounds, as methodological research strategy, aims to reflect the issues raised at The 23rd symposium, coordinated by the authors during the fourth TAAS - Reunion de Teoria Arqueologica de America Del Sur, held in September, 2012, in Goiania, Goiás, Brazil. The work, with themes of Archeology, Anthropology, Ethnology and the field of Audio Visual, gave us the measure of interdisciplinary character and dialogue between these areas.*

*Keywords: Audiovisual Heritage. Analogic and Digital contexts. Images and Sounds.*

### Referências

BAUDRILLARD, J. A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos, Campinas: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. Memória e vida. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Textos escolhidos por Gilles Deleuze).

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação, 2003. Disponível em: <[www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm)>. Acesso em: 12.out 2012.

FARIA M. I.; PERICÃO, M. G. Novo dicionário do livro: da escrita ao multimídia. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999.

GÓMES, Maria Nélida. G.; Novos cenários políticos para a informação. Revista da Ciência da Informação, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.



PRYTHERCH, Ray; HARROD, Leonard Montague. *Harrod's Librarian's Glossary and Reference Book*. Glossary of terms used in librarianship: documentation and the book crafts. 6th ed. Hants: Gower, 1997.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2002.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.

JORGE, Luis Eduardo. Cinema documental e transformação social. In: MOURA, Marlene; VIANA, Sibeli A. *A transversalidade do conhecimento científico*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2013. cap. 8.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LASMAR, Denise P. *O acervo imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio 1890-1938*. Rio de Janeiro: FUNAI, 2008. (Publicação avulsa do Museu do Índio).

LE COADIC, Yves-François. *A ciência da informação*. Tradução Maria Yeda F. S. de Filgueiras. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. (Coleção Repertórios).

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

McGARRY, Kevin. *O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MORÁS, Teder M.; RESENDE, Fernanda E. C. P. *Gestão de acervos audiovisuais: o mundo digital*. In: MOURA, Marlene; VIANA, Sibeli A. *A transversalidade do conhecimento científico*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2013. cap. 9.

\_\_\_\_\_. Digitalização, a mudança de paradigma no processo de produção de cenários televisivos na TV Cultura. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Departamento de Comunicação, Universidade Paulista, UNIP, SP, 2012.

PALACIOS, Marcos. Mundo digital. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.). Cultura e atualidade. Salvador: EDUFBA, 2005.

RABAN, J. *Soft City*. Londres, 1974.

SALDANHA, G. S. A leitura informacional na teia da intermedialidade: um estudo sobre a informação no texto pós-moderno. *Perspectivas. Ciência da Informação*, v. 13, n. 1, p. 55-56, jan./abr./2008.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Mutações da cultura midiática. In: Roberto Elísio dos Santos; Herom Vargas; João Batista F. Cardoso. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção Comunicação & Cultura).

THIBODEAU, Kenneth. Overview of technological approaches to digital preservation and challenges in coming years. 2002. Disponível em: <<http://www.clir.org/PUBS/reports/pub107/thibodeau.html>>. Acesso em: 20 set. 2009.

ZIELINSKI, S. *Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*. São Paulo: Ed. Annablume, 2006.